

ANÁLISE



Anderson Mondlane, especialista em Corporate Governance anderson.mondlane@gmail.com

Corporate Governance: implicação na juventude moçambicana II

Nas minhas análises da semana passada proferi o quanto o Corporate Governance e os seus princípios são relevantes e pertinentes aos jovens. Foi além e enfatizei a necessidade de se abraçar o Corporate Governance como resposta à crise que abala o associativismo juvenil, incluindo a actuação mediócre do Conselho Nacional da Juventude, o suposto interlocutor válido dos jovens e Governo. Sobretudo, sublinhei que o tanto falado empreendedorismo juvenil precisa de ser dinamizado através do Corporate Governance.

O facto do jovem constituir uma força de mudança em qualquer época e sistema, nunca pode ser enfatizado demais. A história já comprovou que a inovação, o dinamismo e a força são inerentes à juventude e tão válidos para a carreira dos jovens quer seja profissional, política ou no empreendedorismo. Os princípios do Corporate Governance posicionam-se, assim, como um quadro geral visando a orientação da actuação dum jovem consciente do seu destino. A seguir vou fazer uma breve abordagem da 'independência', um dos sete pilares de Corporate Governance plasmado no Relatório King II, e como esse possivelmente influenciou as vidas e andamentos de Eduardo Mondlane, Armando Guebuza e Barack Obama, esperando que a nossa juventude tire proveito.

Para o benefício dos não fiéis a este espaço, vou recuar um pouco e definir a 'independência' para que tenhamos o mesmo quadro de referência ao longo da discussão. Do ponto de vista de Corporate Governance, a independência dum director resulta da sua desligação do accionista maioritário ou qualquer parte com interesse material, que possa influenciar a actuação do mesmo num conselho 'board'. Isto é, um director não deve ser acorrentado. Desde o desenvolvimento da contabilidade no passado, o conceito foi sempre associado à auditoria e para essa camada profissional, não só se exigiu a independência, mas também que fossem vistos como independentes para poder emitir uma opinião digna de confiança. Por último, a nova abordagem é de Peter Dey, ex-chairman da Comissão Dey sobre Corporate Governance de Canadá, que nos últimos dias advoga a independência mental como chave para a *performance* dum director ou membro de conselho administrativo, ou para actuação do conselho como colectivo.

EDUARDO MONDLANE

Embora muitos de nos não tenhamos tido a oportunidade de acompanhar ainda em vida o andamento do pai da unidade nacional, a história refere, de forma clara, que ele sempre foi um jovem independente. Em primeiro lugar, foi desligado aos pais ainda pequeno para seguir o ensino em Maputo, depois África de Sul e por último até aos Estados Unidos de América. Como jovem nunca quis se conformar com o estabelecido nos princípios errados, e sempre esteve pronto para aventurar para o que nunca tinha existido. Chivambo, talvez, o primeiro moçambicano a liderar um movimento estudantil num país estrangeiro? Talvez, o primeiro moçambicano com uma formação académica mais elevada? Talvez, o primeiro moçambicano a leccionar numa universidade nos EUA? Até talvez o primeiro moçambicano a trabalhar para as Nações Unidas? E na sua trajectória sempre foi conhecida como independente. Aliás, Mr. Khumalo, um dos seus ex-colegas de carteira na Wits University, ao perceber que comparilhava o mesmo apelido Eduardo disse: "conheceste Eduardo? Era inteligente e pensador independente".

O facto do jovem constituir uma força de mudança em qualquer época e sistema, nunca pode ser enfatizado demais. A história já comprovou que a inovação, o dinamismo e a força são inerentes à juventude e tão válidos para a carreira dos jovens quer seja profissional, política ou no empreendedorismo

ARMANDO GUEBUZA

Após a primeira visita a Suazilândia do Presidente Armando Guebuza, um dos homens que o conheceu enquanto jovem, o veterano jornalista Parks Mangena, de naturalidade zambiana, veio ter comigo no meu gabinete em Mbabane e, mostrando-me retratos do jovem Armando, tirados na década de 1960, disse: "veja as fotografias daquele miúdo! Ainda confuso de que miúdo se tratava continuou: "era um jovem calmo e decidido. Jogava futebol aqui em Msunduzi, mas notava-se que a sua mente estava virada ao seu destino". Estas palavras dum homem que o próprio Presidente Guebuza, discursando perante a comunidade de Msunduzi, Mbabane em 2005, reconheceu sendo um dos mais velhos que podia confirmar a sua trajectória pela swazi a procura do caminho para Tanzania, para mim vieram confirmar a história que dá conta que, na sua juventude, Guebuza nunca foi um *yes men*. Sempre manifestou uma opinião independente até perante o saudoso Presidente Samora Machel.

BARACK OBAMA

Esse artigo aparece-me num momento em que estou lendo o livro sobre a biografia do presidente americano intitulado "Barack Obama: Dreams from my Father (sonhos do meu pai)". Embora não tenha ainda concluído o livro, a porção que já passei os meus olhos é tão, suficientemente, rica para concluir que para o jovem presidente americano atingir o estágio actual, foi por não ter sido uma criança e jovem mimada, não por escolha própria, mais sim porque a vida não lhe permitiu. Obama foi fruto dum casamento dum branco americano e um negro africano que só tinha ido aos Estados Unidos para seguir os seus estudos. Não tendo poder financeiro de levar a esposa para África o pai deixou o filho e a mãe para seguir aquilo que era o sonho do seu país, desenvolvimento.

Essa foi a primeira desligação de Obama que lhe forçou a começar a agir e viver independentemente do pai. Depois dum tempo, a mãe casou com um indonésio e levou o filho para Indonésia e, naturalmente, isso desligou um pouco o menino Barack da cultura americana para ver uma realidade diferente. O regresso aos Estados Unidos e a vida que passou na escola, a de ser discriminado como negro, preparou-o para ser um homem incontornável. Não há dúvida que o Obama quebrou aquilo que havia sido construído socialmente, que um negro nunca ia governar os Estados Unidos de América. Aliás, a nomeação de Colin Powell e a de Condoleezza Rice ao cargo de Secretário de Estado Americano foi vista como forma de enganar os afro-americanos, mas Obama veio confirmar por ter sido o primeiro jovem negro a liderar uma sociedade jurídica naquele país. Sobretudo, a sua apresentação como político e as políticas apresentadas demonstram o quanto pessoa independente Obama é. Por último, a sua vitória, que lhe permitiu assumir a presidência da nação mais poderosa do mundo, demonstra que um jovem é capaz do presumido impossível até nas condições mais desvantajosas do mundo. Mas o segredo está na independência na tomada de decisões e na acção. ■

Ficha Técnica

Propriedade da S-Imprensa

Rua de Timor Leste, 108
Telef. 21315117/8
Fax: 21301865

Registo nº 011/Gabinete-DE/02

Direcção-Geral: Daniel David.

Director Editorial: Jeremias Langa.

Chefe da Redacção: Olívia Massango.

Sub-chefe da Redacção: Lázaro Mabunda.

Sociedade: Francisco Mandlate (editor); Ricardo Machava; Arsénio Henriques; Benedito Luís; Tiago Valoi e Nando Bismarque. Política: Atanásio Marcos (editor); José Belmiro; Nelson Belarmino e António Mondlane; Sérgio Banze. Economia: Boaventura Mucipo (editor); Orlando Macuacua. Desporto: Alfredo Júnior (editor); Aristides Cavele; Elísio Lamusse; Isaac Nsiene. Cultura: Edmundo Chaique; Abdul Sulemane; Felicidade Zunguza. Internacional: Heister David; Adilson Tajú; Ananias

Nhantumbo. Colaboradores: Daniel Covane (Gaza); [João Alberto (Manica); Francisco Raiva (Beira); Bernardino Conselho (Tete). Fotografia: Sérgio Manjate; Roberto Paquete e Lucas Meneses. Direcção de Arte e Produção: António Xerinda (Director). Paginação e Infografia: Imídio Mahumana; Arlindo Lamusse; Luís Bita; Saide Umbarla; Samuel Malumbe. Revisão: Adamo Rungo; Joaquim Selemane; Nélio Nhamposse. Comercial: Lucília Mambo. Distribuição: Velox. Impressão: S-Graphics, Lda. Tiragem: 30.000 exemplares.